

Semanário

A PROVÍNCIA

Informação • Cultura • Recreio

AVENÇA

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

Redacção e Administração — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 18 — Telef. 030 4 67
MONTIJO

DIRECTOR
MOTTA PINTO

Composição e Impressão—«GRÁFICA MONTIJENSE», LDA.—Telef. 030 0 49—MONTIJO

Exco. Dir. Manuel Giraldes da Silva
RIO ESTIO

Agadir e a juventude

Crónica desportiva

Por ANTÓNIO MARIA ZORRO

Cada vez os jovens estrangeiros visitam mais o nosso país, cada vez os jovens portugueses visitam mais os países estrangeiros. Posso contar-lhes, a este respeito, três histórias quase iguais e muito simples.

A primeira é a de «Miss» Kate Jellroy. Miss Kate nasceu na Austrália há precisamente vinte anos. Veio para a Europa, para a Inglaterra, ainda muito novinha. Além da grande viagem que fez de Sydney até Southampton e das pequenas viagens que faz quando vai passar o fim-de-semana com as suas amigas de Coventry, «Miss» Kate não conhecia outros horizontes que não fossem os da nevoenta cidade onde tem vivido e onde tira, agora, o curso que escolheu—arqueologia; no entanto, «Miss» Kate há muito que gostava de tornar a viajar, de conhecer, principalmente, os países do Sul, onde o Sol queima e o céu é sempre límpido. E veio, no verão passado, a Portugal, frequentar um Campo de Trabalho da M. P.

A segunda história, a de Jean-Pierre Durand, é muito parecida com a de «Miss» Kate. A diferença consiste, apenas, em que Jean-Pierre não nasceu na Austrália mas em Poitiers, no coração da França, e que, em vez de estudar arqueologia, é aluno de Direito, em Paris; mas também ele, quando chegam as férias, está farto dos códigos e da vida citadina; também ele aspira a pôr uma mochila às costas e partir

para muito longe, para onde possa fazer qualquer coisa diferente do que faz todos os dias; também ele veio, no verão passado, a um Campo de Trabalho em Portugal; e prometeu voltar.

História parecida, história igual a do loiro e desengraçado Peter Wilmer, estudante da Universidade sueca de Upsala; da Suécia veio no verão a Portugal frequentar um Campo de Trabalho—talvez o mesmo que «Miss» Kate e Jean Pierre escolheram—para durante três semanas, enquanto se ocupava de escavações na cidade morta de Coninbriga, criar novas amizades e ficar conhecendo um

povo que não conhecia, o povo português.

Isto que no ano passado aconteceu com o Peter, com o Jean-Pierre, com «Miss» Kate e com dezenas de outros jovens estrangeiros, verificou-se igualmente, em relação ao Carlos Manuel, à Maria de Lurdes ou ao Luís António—quer dizer em relação às muitas dezenas de jovens portugueses que passaram as férias grandes nos Campos de Trabalho da França, da Alemanha, da Inglaterra ou da Suécia.

Há quatro ou cinco anos, os «Campos de Trabalho» juvenis, generalizados na Europa e na América depois da

primeira guerra mundial e incrementados a partir da segunda, eram ainda desconhecidos em Portugal; hoje fazem já parte do programa habitual das férias e, ainda que nem sempre devidamente compreendidos, são um dos mais apreciáveis veículos para o espírito de aventura e para o sentido da solidariedade comuns a todos os jovens.

Organizar, no próximo verão, em Agadir, um grande «Campo de Trabalho Internacional», que colabore activamente na construção da cidade-mártir, foi, pois, logo a primeira e natural iniciativa da Mocidade Portuguesa, pe-

(Conclui na 2.ª página)

Foi publicado o parecer da Câmara Corporativa acerca do projecto de proposta de lei n.º 506, que altera o funcionamento de vários desportos.

O parecer reconhece que o profissionalismo desportivo é um facto social e que nada contém, em si, que o possa tornar socialmente reprovável. Por tudo isso se aceita posição que o Governo tomou no projecto de proposta de lei, «o qual não só reconhece e legitima um profissionalismo que de facto há muito existia entre nós, acabando assim com situações equívocas e melindrosas, como afinal melhor defende o desporto amador, na medida em que os campos ficam extremados e deixa de haver, assim, lugar a indesejáveis confusões».

Deste modo, os praticantes de desportos ficam divididos em três categorias: amadores, subsidiados e profissionais.

Os amadores são os que

(Conclui na 4.ª página)

Acção Corporativa

Dois eventos aparentemente distantes, mas muito próximos pela indole corporativa que os informa, os que se observaram recentemente nas palavras proferidas em Aveiro pelo sr. Ministro das Corporações e nas que deu em entrevista ao «Diário da Manhã» o Presidente da Corporação da Lavoura.

A vida do campo na Província, como é do conhecimento geral, não é fácil nem convidativa, presentemente, para as classes trabalhadoras; inclusivamente, muitos que algo têm de seu abandonam a agricultura na procura forçada de modo de vida menos aleatório e mais compensador.

Ora em regime intervencio-

nista como o nosso, o Estado não pode alhear-se dos movimentos e das vantagens das populações. Assim, reconhecendo a necessidade urgente da transferência de milhares de braços da agricultura para a indústria, para o comércio, empregos públicos, concessões, ensino, etc., não pode abandonar à sua proverbial fraqueza e inconsistência a vida social do trabalhador rural.

Vivemos uma época decisiva para a sobrevivência de Portugal no mapa dos interesses mundiais como Nação unitária e soberana. Temos de acompanhar a evolução económica geral e não podemos ficar para trás. Há nações onde a população activa na agricultura já hoje não ultrapassa os 10%. Em Portugal cerca de 50% desta vive exclusivamente da agricultura ou de pequenas indústrias afins, como a dos lacticínios.

Ao Ministério das Corporações em Portugal cabe assim a tarefa de, por um lado, facilitar quando for possível essa tendência irreversível das populações e, por outro, garantir aos que ficam—e estes serão muitos ainda e sempre bastantes, no decorrer do tempo—uma vida digna de pessoas humanas, de sustentáculos naturais da restante actividade económica.

O contrato colectivo de trabalho celebrado em Aveiro, e só para este distrito, entre o Grémio Nacional dos Indus-

triaes de Lacticínios e os Sindicatos Nacionais dos Empregados de Escritório e Caixeiros, e dos Operários da Indústria de Lacticínios está bem integrado nesta orientação geral. Por isso o Ministro, no acto da assinatura deste primeiro contrato colectivo de

(Conclui na 2.ª página)

POSTAIS DO ESTRANGEIRO



As cataratas do Niagara, na fronteira entre os Estados Unidos e o Canadá



A Capela dos Coimbras, na histórica cidade de Braga

Enquanto...

VI

Enquanto o garoto, sujo e roto, continuar a pagar largo tributo ao Hospital e à Morte, por se dependurar nos eléctricos, nas cidades, e nas camionetas, por esse país fora, o que só prova que se afasta da escola, ou dela não tira o proveito educacional que seria desejável, há razão mais do que suficiente para que se continue a chamar a atenção do público em geral e das autoridades competentes para tão magno problema da criança abandonada ou não suficientemente esclarecida pelos princípios básicos da educação elementar, sem a qual, de resto, não há civilização possível, isto porque, na verdade, a escola e a família são os pilares de qualquer que tenha por fim o respeito, a dignificação e o aperfeiçoamento integral da pessoa humana, no seu triplo aspecto moral, social e físico.

Ora o pai, a mãe e o professor primário são os três grandes obreiros dessa cruzada de nobreza que consiste em eliminar do ser humano as já hoje anacrónicas asperas da vida abandonada às irrupções instintivas do egoísmo, da irreverência e da desordem.

A acção policial é de facto necessária, e todos os cidadãos devem prestar justa homenagem à sua actividade, mas só em última instância se compreende que apareça. É no lar e é na escola que a grande obra da educação do homem tem o seu decisivo fundamento. Velar pelo seu prestígio contribuir para a sua eficácia, facultando-lhe todos os meios de acção de que porventura necessita, é política acertadíssima, pois dela depende o futuro da Pátria e a dignificação da pessoa humana, sempre susceptível de aperfeiçoamento.

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

Paradoxo

Ninguém me sabe entender
E eu não entendo o que sinto,
Julgo os outros conhecer.
É a mim próprio que minto...

Mannel Gerales da Silva

Rio Frio, 15-1-1953

Valem só 60 contos as jóias da Coroa Britânica

...mas não passam de uma imitação das autênticas

Vai ser posta à venda a colecção, célebre em todo o mundo, de cópias das jóias da Coroa britânica.

Durante um quarto de século, um negociante de antiguidades de Stockon-on-Tees, no Norte da Inglaterra, Charles Elston, esforçou-se devotadamente por produzir o que hoje constitui a mais famosa colecção que existe de reproduções das jóias da Coroa. Agora, com 70 anos, Elston sente-se cansado em demasia para continuar a dirigir constantemente exposições em todo o país e no Commonwealth com o conjunto que reuniu. O seu desejo é encontrar quem o compre, na condição de continuar a cedê-lo para exposições públicas.

O preço de venda foi calculado em cerca de 750 libras, o que equivale a 60 contos.

Estudando cuidadosamente os originais que se encontram na Torre de Londres, Elston conseguiu a notável proeza de reunir uma colecção em que cada pedra das jóias copiadas corresponde exactamente, em tamanho, forma e peso, aos respectivos originais.

O oiro foi substituído por latão e as pedras, na maioria, são falsas, havendo no entanto algumas verdadeiras, tiradas umas de alfinetes de gravatas e outras oferecidas. Ninguém, a não ser ele próprio, sabe, porém, quais são as verdadeiras. Embora algumas pedras tenham sido roubadas das peças em exposição, nenhuma das pedras verdadeiras desapareceu.

Pode avaliar-se da paciência necessária para criar duplicados tão perfeitos pelo facto de ter Elston levado três anos para encontrar uma pedra que representasse a Grande Estrela da África no ceptro real. Por acaso, no velho Caledonian Market deu com ela um dia — no centro de uma horrível pregadeira vitoriana, pregadeira que havia sido «atirada» para o meio de uma série de outros objectos sem importância.

Outra prova do trabalho que representam as reproduções é que só em três coroas

foram empregadas nada menos do que 12 mil pedras.

Uma família ofereceu a Elston a espada que um antepassado seu utilizara na batalha de Waterloo, da qual ele fez a espada real, que contém 1.600 pedras. Mas é puro arminho o que ele empregou em todos os modelos que o exigiam.

Nos últimos seis meses, Elston substituiu mais de 5.000 brilhantes em toda a colecção e pôs novo arminho em vez do que ia envelhecendo.

A ideia das reproduções foi-lhe sugerida por Sir George Younghusband, então chefe da polícia da Torre de Londres, onde se encontram encerradas as jóias originais.

Concha

As tuas mãos
Desdobram-se em mil mãos!
E é nessa concha de cristal
Que deito meu corpo em desalento

Pode então vir o mar,
Pode soprar o vento
Que a concha não distende!

Só à noite, ao luar,
Quando o calor invade os
Corações
A concha se desprende!

M. L.

Publicações recebidas:

Deram entrada na nossa redacção as seguintes publicações:

REVISTAS — A *Cooperação*. N.º 47. Março. Redacção, R. Alves Torgo, 13 — Lisboa.

— *Rodoviário* — n.º 55. Março — R. dos Navegantes 58-1.º Esq.

— *Autores* — Boletim Trimestral da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, com a colaboração dos seguintes autores: José Galhardo, Ramada Curto, Eurico Lima, Sousa Costa, Eduardo Scarlatti, António Manuel Couto Viana e Emílio Duque.

— *Seleção* — Visitou-nos com o seu n.º 1 esta bela revista de muitos e variados textos e de esplêndida apresentação. Os seus artigos seleccionados formam interessante fonte de cultura popular, pelo que a recomendamos, muitas prosperidades a quantos nela trabalham e em especial a seu director, sr. J. Pereira Lopes.

Acção Corporativa

(Conclusão da 1.ª página)

trabalho de uma indústria com base em produtos pecuários e agrícolas — a dos lacticínios —, pôde declarar: «A razão da minha presença aqui não reside tanto no facto da assinatura deste importante contrato colectivo de trabalho, mas especialmente na circunstância de Grémio Nacional dos Industriais de Lacticínios e ainda o Sindicato Nacional do pessoal da mesma indústria terem sido constituídos nesta fase de revigoração do sistema corporativo a que todos nos votámos. E posso declarar que uma das determinantes que mais influíu no meu espírito ao estimular as iniciativas de que resultou a criação destes organismos foi precisamente o de se tornar possível a revolução, por via corporativa, de alguns instantes problemas dos trabalhadores da indústria, cujas remunerações, em especial, estavam longe daquele mínimo indispensável à satisfação das mais prementes necessidades da vida».

Outro não é, efectivamente, o espírito do Eng.º Caldas de Almeida quando, ao apontar a necessidade da criação de indústrias novas de transformação dos produtos agrícolas, delas confiar a viabilidade de aplicação aos seus intervenientes de soluções idênticas às que acabam de ser exaradas na convenção colectiva de Aveiro para os trabalhadores dos lacticínios. A franca melhoria do nível de vida dos trabalhadores só assim poderá alcançar-se.

Agadir e a Juventude

(conclusão, da 1.ª página)

rante a catástrofe que arrazou o belo e branco porto do Sul de Marrocos.

Não sabemos qual será a decisão do «Comité» da UNESCO que coordena a actividade das organizações de Campos de Trabalho e que já tem em seu poder a generosa proposta portuguesa. Tudo leva a crer que ela será aceite, até por corresponder a uma das finalidades básicas dos «Campos de Trabalho» — a construção ou reconstrução de obras de interesse social. Seja como for, a proposta, na sua espontânea simplicidade, reveste-se de um valor que não é preciso encarecer. Ligados por tantas razões passadas e presentes à vida de Agadir, ficarão os portugueses ligados também ao seu futuro. Se eram portuguesas algumas das muralhas centenárias que o terramoto fez desaparecer, se eram portugueses dezenas de trabalhadores vítimas da catástrofe, se foi português muito do sangue dado aos sobreviventes, português será também algo da futura Agadir, dos seus futuros jardins, dos seus futuros prédios, de tudo aquilo que vier a ser a obra do grande campo de trabalho juvenil de Agadir.

Vendem-se

QUATRO MORADIAS, sendo (três na rua da Aldeia Velha e uma na rua Sacadura Cabral).

Informa Lidia Ferreira Taruca, R. Sacadura Cabral, Montijo.

Trespasa-se

MERCEARIA, no centro do Montijo. Bem afreguesada e com habitação. Motivo à vista. Para indicações, telef. 030161.

Siga o bom conselho



TRATE COM
COSAN
enxofre molhável
Fabricado pela RIEDEL de Haën — Alemanha

EFICAZ — PÁTICO — ECONÓMICO
À venda: nos Grémios da Lavoura e casas da especialidade

representantes exclusivos:
SOCIEDADE PERMUTADORA
(S. A. R. L.)

LISBOA
Av. da Liberdade, 190

PORTO
Rua da Boavista, 44



SIMCA

O carro dos **14 RECORDES MUNDIAIS!**
MÁXIMA SEGURANÇA NA ESTRADA

Peça uma demonstração aos concessionários no distrito de Setúbal

MARPAL, LDA.

Rua José Joaquim Marques, 150 — Telef. 030545 — MONTIJO

Uma entrevista com José da Palma

Por acharmos interessante a entrevista com o nosso conterrâneo José da Palma, com a devida vénia a respigamos da magnífica revista «A Cooperação», que há pouco recebemos:

Encontrámos um dia destes, muito pacatamente sentado no Café Martinho, o novel novilheiro José Palma, a quem solicitámos uma oportuna entrevista, não só para nos elucidar a respeito da próxima, temporada que se aproxima, como ainda para saber da verdade dos boatos que ultimamente têm corrido a seu respeito nos meios tauromáquicos.

Assim, acedendo ao nosso desejo, principiámos por lhe fazer as seguintes perguntas:

-Qual é para você o melhor toureiro para a próxima época?

-É difícil responder a essa pergunta, pois a época ainda não principiou e há um bom lote de toureiros.

-Que me diz aos êxitos de Manuel dos Santos no México?

-Sim, sem dúvida! O Manuel foi e será sempre um grande toureiro.

-Como acha o actual momento taurino?

-Um pouco mau, pois temos a lamentar o desaparecimento de grandes figuras da arena, tais como: Mestre Simão da Veiga, Chicuelo II e a retirada de Miguel Baez (Litri).

-Quantas corridas espera realizar este ano?

-Para já tenho umas vinte e cinco em Espanha e Portugal, firmadas por meu apoderado.

-Que sente quando toureia?

-Uma emoção enorme, como não poderia deixar de ser.

-Será medo?

-Quem o não terá?

-Entre as escolas Sevilhana e Rondenha, de qual gosto mais?

-Da Sevilhana, por cada um poder dentro dela dar livre pensamento à sua inspiração artística, o que se não dá com a Rondenha, que sujeita aos cânones do toureio tendo por base a técnica.

-Qual o toureiro que mais aprecia?

-Eu mesmo, por interpretar o toureiro que mais se coaduna com a minha sensibilidade.

-Qual a sua maior faena?

-Foi em Moura, onde me superei a mim mesmo.

Assim terminámos a nossa entrevista com mais uma «esperança» do toureio nacional, augurando-lhe as maiores felicidades para que num breve futuro possa vir a emparceirar lado a lado com as maiores figuras do momento actual.

Napoleão Manuel

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

No salão nobre do Clube Fenianos Portuenses, a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, o Ex.^{mo} Sr. António Collares Vieira, antigo vereador da Câmara Municipal do Porto e actual director da Companhia de Seguros «Fidelidade», fez uma conferência na qual versou o tema «O importante problema da silicose».

Presidiu o Sr. Dr. Domingos Braga da Cruz, delegado de Saúde do Porto, que representava o ministro de Saúde e Assistência, ladeado pelos srs. Tenente Castanheira da Costa, em representação do general comandante da 1.^a Região Militar, Dr. Manuel de Lemos; António Maximiano da Silva, director da Companhia de Seguros «A Mutual do Norte»; Manuel Mercier Marques, pela Companhia de Seguros «Fidelidade»; Dr. Gil da Costa, director da Liga Portuguesa de Profilaxia Social; Dr. Monteiro de Carvalho, representante do Clube Fenianos Portuenses; Dr. Henrique de Almeida e João Silva.

No início do seu trabalho, o conferente começou por dizer que, entre as doenças profissionais, que são todas as perturbações de saúde resultantes do exercício da sua profissão, encontra-se a silicose, que, sendo contraída pela inalação da poeira contendo sílica livre, é a mais grave de todas as doenças profissionais. A silicose, uma vez instalada nos pulmões, nunca mais regressa nem tem cura. Depois de ter feito um leve apontamento histórico da silicose, disse que ela em Portugal, só era

FUTEBOL

Campeonato Distrital da 2.^a Divisão

Fase Final

Foram marcados para o próximo domingo, 27, os seguintes jogos:

EM ALCOCHETE—Campo do Imparcial—Imparcial F. Clube—Sport C. Grandolense, às 15 horas.

NA QUINTA DO ANJO—Campo Leonel Martins—Quintajense F. C.—Sport L. e Sines, às 15 horas.

EM SANTIAGO DE CAÇÉM—Campo Meróbriga—União Sport Clube—Paio Pires F. Club, às 15 horas.

Torneio de Primeiras Categorias

Prova Complementar

EM ALMADA—Campo do Pragal—Almada A. Clube—Palmelense F. Clube, às 15 horas.

EM GRANDOLA—Campo Municipal—Clube D. A. Grandolense—F. C. Barreirense, às 15 horas.

NA COSTA DA CAPARICA—Campo Comandante Tenreiro—Grupo D. Pescadores—G. D. Alcochetense, às 15 horas.

Campeonato Distrital de Reservas

Fase Final

NO BARREIRO—Campo das Palmeiras—Grupo D. da C. U. F.—Vitória F. Clube, às 15 horas.

Torneio de Principiantes

Escolas Jogadores

NO BARREIRO—Campo D. Manuel de Melo—Futebol C. Barreirense—Vitória Futebol Clube, às 10 horas.

EM ALMADA—Campo do Pragal—Almada Atlético Clube—Clube D. de Montijo, às 10 horas.

Ferreiras, Costa & Gouveia, Ltd.^a

Por escritura de 6 de Abril de 1959, exarada a fls. 14 e seguintes do respectivo livro n.º 8 B, do cartório notarial de Montijo a cargo do notário Álvaro dos Santos Marcelo, entre Mariano Ferreira Gregório, Avelino Ferreira Gregório Júnior, Júlio Ferreira Gregório, João da Silva Batista da Costa e José Justiniano de Oliveira Gouveia, foi constituída uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, que será regida pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º—A sociedade adopta a firma «Ferreiras, Costa & Gouveia, Limitada», fica com a sua sede nesta vila, durará por tempo indeterminado e conta-se, o seu começo, para todos os efeitos legais, desde hoje;

2.º—O seu objecto principal, é o de serralharia Civil, podendo explorar qualquer outro ramo de negócio, em que os sócios acordarem, e desde que seja permitido por lei;

3.º—O capital social é de 25.000\$00, em dinheiro, todo, já, integralmente, realizado, e corresponde à soma de 5 cotas de 5.000\$00 cada, pertencendo cada uma delas a cada um dos sócios;

4.º—Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas qualquer dos sócios poderá fazer à Caixa Social os suprimentos de que esta carecer, para o bom andamento dos negócios sociais nas condições que forem aprovadas em Assembleia Geral constarem da respectiva acta;

5.º—A cessão de cotas, no todo ou em parte, a favor de estranhos, fica dependente do consentimento por escrito da sociedade e dos restantes sócios individualmente, que no caso de preferirem, pagarão a cota alienanda, segundo o último balanço aprovado, acrescido da parte correspondente no fundo de reserva legal;

6.º—O sócio que quiser alienar a sua cota, assim o comunicará à sociedade e restantes sócios, por carta aviso, indicando o nome do pretendente, e se, dentro do prazo de 30 dias, não receber qualquer resposta, poderá realizar, livremente, a indicada alienação;

7.º—A sociedade será representada em juízo e fora dele, activa e passivamente, por todos os sócios, que, desde já, ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem retribuição, conforme for resolvido em assembleia geral e constar da acta;

8.º—Para que a sociedade se considere obrigada são necessárias as assinaturas, em conjunto, de dois gerentes, bastando, contudo, a assinatura de um só, em actos de mero expediente;

9.º—Em caso algum a sociedade poderá ser obrigada em letras de favor, fianças, avales, abonações ou outros actos e documentos estranhos aos negócios sociais;

10.º—Os balanços dar-se-ão com referência a 31 de Dezembro; e dos lucros líquidos apurados, depois de deduzidos 5% para fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios, na proporção das suas quotas. Na mesma proporção serão suportadas as perdas.

11.º—No caso de morte ou interdição de qualquer dos sócios, os seus herdeiros ou representantes continuarão na sociedade, conservando-se a respectiva quota indivisa, e devendo nomear, dentre eles, um que a todos represente na sociedade, sem o que não terão nela qualquer ingerência;

12.º—Em todo o omissis regularão as disposições legais aplicáveis.

Montijo, 10 de Março de 1960

O Ajudante do cartório

Manuel Cipriano Rodrigues Futre

minas ou não, que constituem fonte de silicose.

E, a terminar, disse:

—O número de casos de silicose tem vindo a decrescer naquelas indústrias onde já se aplicam aquelas medidas. Urge melhorá-las e generalizá-las.

O Sr. António Collares Vieira, que teve a ouvi-lo vultoso auditorio, foi premiado no final com calorosos aplausos.

FIO

Com uma cruz com pedras amareladas, perdeu-se. Dão-se alvissaras a quem o entregar. Comunicar pelo telef. 030330.

Crónica desportiva

(Conclusão da 1.^a página)

não recebem remuneração, directa ou indirectamente, pela sua actividade desportiva, salvo os prémios instituídos em competição. Não se considera remuneração ou proveito material o fornecimento feito pelos organismos desportivos do equipamento indispensável à prática das diversas modalidades, o pagamento das despesas de transporte, alimentação e alojamento, a indemnização dos ordenados e salários perdidos pelos praticantes que se deslocarem em sua representação, a subvenção para estudos ou preparação profissional em estabelecimentos oficiais das competições desportivas e de viagens por estas determinadas.

Os praticantes subsidiados são aqueles que, não fazendo da actividade desportiva profissão, por ela recebem apenas pequenas compensações materiais, unilateralmente fixadas pelos organismos que representam. O limite máximo destas compensações será fixado pela Direcção-Geral dos Desportos, se revestirem a forma de subsídio com carácter de regularidade e permanência.

Os praticantes profissionais são os que fazem profissão da sua actividade

desportiva e a esse título recebem remuneração fixada por acordo.

Com excepção do futebol, ciclismo e pugilismo, todas as outras modalidades são amadoras. Nestas, portanto, não poderão participar os profissionais e subsidiados. Para que uma modalidade, além daquelas três, seja considerada profissional, terá que ser ouvida a Junta Nacional da Educação e a classificação será fixada por portaria do Ministro da Educação Nacional.

Os organismos desportivos que utilizem praticantes profissionais terão como obrigação promover o exercício das modalidades reservadas aos amadores. Na regulamentação das transferências não será restringida aos praticantes amadores a faculdade de, no fim de cada época, escolherem o organismo que desejem representar.

Agradecimento

António Jacinto Soeiro

Sua esposa, filhos e netos, impossibilitados de o fazerem pessoalmente, por desconhecimento de várias moradas, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que acompanharam à última morada seu esposo, pai e avô.

Montijo, 16 de Março de 1960.

O Infante D. Henrique

(No quinquagenário da sua morte)

Mais que a procela e mais que o Adamastor,
Que a lenda dos abismos infernais,
Era o mar uma treva onde com dor
O marinheiro e mesmo o pescador
Temiam ir e não voltarem mais.

Não havia um caminho nem um norte
E se havia um princípio, já o fim
Era a crua incerteza... e assim a morte
Bailava em cada onda, por mais forte
A vontade e a ânsia de chegar alfim.

Mas, o mar tão lendário e tormentoso
Na mais baixa maré e mansa ôla,
Vai-se transpor quer bravo ou bonançoso:
—O Infante Henrique corajoso
C'os irmão funda em Sagres sua Escola.

E assim daí, os nossos marinheiros
Em busca da conquista e até das guerras,
Atiraram-se ao mar aventureiros,
Orgulhosos de sermos os primeiros
A fornecer, ao Mundo, novas terras.

Alheios a fantasmas e procelas,
Pondo em prática as náuticas lições,
Nas suas já famosas caravelas
Lá foram sobre o mar comendo as velas
Vasco da Gama e o imortal Camões.

E, agora, se releio a nossa História
Tão reflata de feitos de eleição,
Logo sinto avivar-se na memória
O Infante D. Henrique—suma glória
Dessa ínclita e nobre geração.

Porto, 4 de Março de 1960.

Augusto Neto Gomes

Página FEMININA

FALANDO DE YUL BRYNNER

Quando atravessava as ruas de Paris, no seu Mercedes de «sport», esse a quem o mundo chamou o calvo sedutor, usa um chapéu, que, aliás, lhe rouba grande parte do seu encanto pessoal.

Fá-lo, porém, por comodidade. Assim, ninguém o conhece.

Yul Brynner, o homem fatal que revolucionou o ambiente cinéfilo, destronando os galãs efeminados, considera-se um pouco parisiense e gosta de passar alguns dias, de vez em quando, na cidade... das cidades.

Foi lá que pôde ser observado mais de perto, liberto das ilusões do cinemascópio e transformado num homem que só o seu crânio rapado diferencia dos outros.

A sua voz é grave e profunda, e Brynner sabe usá-la com muita inteligência. Os seus gestos são rápidos, precisos, e valorizam as suas mãos, que são um dos detalhes mais importantes da sua figura. Chega-se à conclusão de que, mesmo sem a calvície que o cebrizou, Yul tem, na realidade, um verdadeiro fascínio, e se, porventura, está em disposição de se tornar amável, pode considerar-se, francamente, um dos homens mais sedutores do cinema.

No entanto, tem uma personalidade complicada; nem os seus amigos íntimos podem gabar-se de o conhecer a fundo, porque Brynner tem, desde criança, grande gosto em intrigar as pessoas e por isso se rodeia de uma atmosfera de mistério.

A sua verdadeira origem não está ainda provada e

Cuide da sua pele Máscaras de beleza

Mistura-se uma colher de sopa de mel com uma colherinha de leite e espalha-se a mistura pela cara e pela testa e deixa-se secar lavando-se depois com bolas de algodão embebidas em água de rosas.

Esta máscara acalma e amacia.

*

Bate-se uma gema crua, misturando-lhe uma colher de café de óleo de amêndoa doce ou uma ampola de um centímetro cúbico de óleo canforado. Bate-se muito bem até a gema engrossar e aplica-se no rosto e na testa com um bocado de algodão e água morna.

Esta máscara pode ser aplicada uma vez por semana.

Yul Brynner, com uma indiferença soberba, costuma dizer aos jornalistas que o interrogam a tal respeito, que podem dizer aquilo que quiserem. Assim aumentará *incontestavelmente* a confusão criada acerca de tal assunto, o que, diga-se de passagem, lhe não desagrada de todo.

A versão, porém, mais divulgada é aquela que afirma que Brynner nasceu na ilha Sakhaline, em 1916, filho de pai mongol e mãe cigana, tendo sido criado por sua avó.

Os seus primeiros estudos foram feitos em Paris, tendo-se distinguido sempre, nas escolas que frequentou, pela sua inteligência viva e pela sua indisciplina indomável.

Para conseguir cursar ciências e filosofia, Brynner trabalhava de noite como cantor de «music-hall», cantando em diversas línguas, como o japonês, o húngaro, o russo e o inglês.

Um belo dia, cansou-se desse género de existência e fez-se contratar como acrobata no «Circo de Inverno». Diz-se que Yul desejava ter a certeza da sua solidez física, o que na realidade conseguiu, visto ter caído, uma noite, da cúpula do circo, fracturando quase todos os ossos do esqueleto.

Depois dessa experiência, resolveu abandonar o circo, passando a trabalhar na «troupe» teatral de Sacha Pitoef, na qual desempenhou quatro géneros de emprego ao mesmo tempo: foi maquinista, decorador, caracterizador e actor.

Entretanto, terminou os seus estudos e, na qualidade de licenciado em filosofia, pôde ser professor num colégio.

Mas parar não é para este homem, que necessita duma vida variada, e perante um contrato para a América, para desempenhar um papel na peça de «Shakespeare», Brynner não hesita.

Terminada a «tournée», resolve ficar na América, onde se emprega como locutor, entrando, algumas vezes, em programas de televisão, o que lhe dá uma reputação de bom actor em toda a Broadway. Dessa reputação, lhe adveio o contrato para desempenhar o papel principal de «O rei e eu», sucesso completo que dispensa qualquer comentário.

Mas não deixemos em branco a história da célebre e comentadíssima «careca» do simpático Brynner. É evi-

dente que para interpretar uma figura de rei oriental, foi-lhe necessário adoptar o ... penteado adequado. Ora Yul desde os quinze anos de idade que perdia progressivamente os seus cabelos e tinha um tremendo complexo por causa disso. Rapar, pois, as últimas farripas, foi iniciativa que o encantou, e a partir de então o seu crânio passou a ser diariamente rapado.

Terminadas, porém, as filmagens de «O rei e eu», não havia, efectivamente, uma razão cabal para que Yul continuasse calvo. Mas eis que Cecil B. de Mille assiste à estreia do filme e se entusiasma com a figura do rei do Sião.

«É o rei de que eu preciso!»—exclamou, e contrata Brynner para fazer o papel de faraó dos «Dez Mandamentos».

Estava, portanto, consagrada a «careca» de Yul Brynner. O artista, radiante, acariciava o seu crânio e aplaudia intimamente a ideia que tinha tido.

Mas, como já dissemos, este homem irrequieto, que decidiu viver a sua vida e que conta já um bonito número de experiências, não é capaz de estacionar numa ideia ou numa profissão. Depois de ter sido vocalista, artista de circo, actor teatral, professor de filosofia, locutor e o mais original dos galãs de cinema, Brynner quis ser produtor cinematográfico. É pena, mas resolveu assim.

Para meditar

O casamento é a tradução, em prosa, do poema do amor. — *Bougeart*.

A predilecção da mulher pelos bailes e pelos espectáculos é como a dos caçadores pelos locais onde a caça abunda. — *Latena*.

No mal que dizemos dos outros, não haverá o desejo de querermos provar que valem mais do que eles? — *G. de la Lazère*.

Para substituir a bondade que nos falta inventámos a delicadeza que a substitui nas aparências. — *H. de Levis*.

Só para as magras

Muitas mulheres querem emagrecer e não engordar.

Está na moda falar nas curas e nos regimes de emagrecimento. Mas muitas há que, pelo contrário, se acham demasiado magras e com falta de ancas.

Para elas, eis algumas indicações preciosas.

O SONO: deve ser tanto mais regular e prolongado quanto possível. Muitas vezes, as pessoas são magras porque são nervosas e dormem pouco. Nem sempre é necessário tomar suporíferos para as insónias. Uma infusão de flores de laranjeira é um remédio muito inofensivo e eficaz.

A SESTA: além de uma noite bem dormida, o repouso depois do almoço é indispensável.

Mesmo que não durma, habitue-se a estender-se durante, pelo menos, vinte minutos, com o quarto às escuras. Poderá assim digerir melhor e assim os alimentos serão melhor assimilados.

A ALIMENTAÇÃO: é um erro pensar que a superalimentação está indicada em todos os casos de emagrecimento.

Muitas vezes daí resulta que o fígado fica sobrecarregado, o que é contraproducente.

É mais importante assimilar tudo o que se come do que comer muito. O regime alimentar deve ser indicado pelo médico, porque varia conforme o estado geral do indivíduo.

De qualquer maneira, a alimentação não deve ser deficiente.

Salvo algumas indicações em contrário, poderá adoptar o tipo de menu seguinte:

PEQUENO ALMOÇO: leite ou chocolate, pão com manteiga, bolos, uma fruta (banana ou maçã), um ovo ou peixe.

Às dez horas, uma chávena de leite com açúcar, um biscoito com manteiga, um bocado de chocolate, um fruto.

ALMOÇO: alimentos crus temperados com azeite ou manteiga, carne com bata-

TRICANA

São as melhores tapeçarias de lã, CARPETES, TAPETES, PASSADEIRAS, ALCATIFAS da fábrica «TRICANA» — São vendidas directamente ao público no depósito em Lisboa, Av. Praia da Vitória, 48-A (ao Teatro Monumental) — T. 51525

Fazem-se por encomenda e medida a gosto do Cliente

«TRICANA» É O TAPETE QUE NÃO ENGANA

PARA RA
flanela t
de

tas e
doce

LA

zes, l

JA

uma
legun

fruta

leite,

cháve

O i

los, o

rão c

em g

Pelo

mer p

pesa

CU

mais

reça,

ajuda

tambo

dem

deven

lentar

fadig:

ção. I

termi

tura:

respir

profu

senvo

o bus

ES

inflúe

to é ir

domír

peten

Pe

Flor

Lave

sabão.

Deite n

uma co

e deixe

de hora

Mari

Ferva

figueira

reduzido

de vestu

sobre u

escova

esfregan